

PRISIONEIRAS DAS MEDIDAS: OFICINA TEMÁTICA PARA ACOLHIMENTO DE MENINAS CONTRA A OPRESSÃO DOS PADRÕES ESTÉTICOS

**Prisoners of the measures: thematic workshop to support girls against the oppression of
aesthetical patterns**

Isabela Colombo Cambiriba¹

Alexandre da Silva Avíncola²

Camila Clozato Lara³

Resumo: O conceito de beleza sofreu, historicamente, muitas alterações baseadas no estilo de vida de cada época. Entretanto, os padrões estéticos mais aceitos em cada sociedade atenderam apenas a uma minoria populacional. No início do século XXI, cresceu a busca pelo corpo magro, fortemente relacionado à noção de perfeição, autocontrole e atratividade sexual. Esse padrão de corpo constantemente leva adolescentes à autoinsatisfação e ao desenvolvimento de transtornos alimentares. Este trabalho relata a experiência de uma oficina temática voltada para alunas do Instituto Federal do Paraná, IFPR - Campus Paranavaí, na qual se trabalhou a pressão dos padrões estéticos. A oficina foi oferecida para estudantes de ensino médio do sexo feminino e contou com a presença de 39 participantes. Inicialmente, foram expostos os aspectos teóricos do conceito de belo e do desenvolvimento dos padrões estéticos. Após isso, vídeos e discursos veiculados nas redes sociais usadas pelas adolescentes foram usados a fim de estimular o diálogo e a aproximação, fomentando a discussão do tema. Um questionário anônimo previamente validado sobre percepção corporal foi aplicado e mostrou que 67% das meninas presentes na oficina tem uma percepção ruim envolvendo o próprio corpo. Ao final, foi realizada uma roda aberta para discussões e relatos pessoais, em que elas puderam exteriorizar seus medos, traumas, receios e pensamentos. Demonstrou-se a tamanha importância desse tema

¹ Graduanda de Publicidade e Propaganda, pela UniCesumar, Maringá; Técnica em Informática, pelo Instituto Federal do Paraná, Paranavaí, Paraná, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3254-1157> E-mail: isabela.cambiriba@gmail.com

² Químico; Mestre em Química, pela Universidade Estadual de Maringá. Docente de Química no Instituto Federal do Paraná (IFPR), Campus Paranavaí, Paraná, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7824-5636> E-mail: alexandre.avincola@ifpr.edu.br

³ Bióloga; Doutora em Ciências, pela Universidade de São Paulo. Docente de Biologia do Instituto Federal do Paraná (IFPR) - Campus Paranavaí, Paraná, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0461-0589> E-mail: camila.lara@ifpr.edu.br

para a socialização das jovens, contribuindo para a desconstrução do estresse psicológico causado pela pressão midiática no público feminino.

Palavras-chave: Transtorno alimentar. Adolescentes. Oficina Temática. Mídia. Padrões Estéticos.

***Abstract:** The concept of beauty, historically, suffered many alterations based on each period's lifestyle. However, the most accepted aesthetical patterns in each society attended only a minority of the population. In the beginning of the 21st century the quest for a thin body, strongly associated with the notion of perfection, self-control and sexual attractiveness grew a lot. This beauty pattern often leads adolescents to self dissatisfaction and to the development of eating disorders. This work reports the experience of a thematic workshop directed to the female students of Instituto Federal do Paraná, IFPR - Campus Paranavaí, approaching the pressure of aesthetical patterns. The workshop was offered to high school female students and attended 39 participants. Initially, theoretical aspects of the beauty concept and the development of aesthetical patterns were exposed. Then, videos and social media posts were used to stimulate the dialogue and to get closer to the students, promoting the debate. An anonymous validated questionnaire about body perception was applied and showed that 67% of the girls who participated in the workshop had a bad perception regarding their own body. Finally, we opened a panel discussion for conversation and personal reports, in which the students could externalize their fears, trauma, distresses and thoughts. This workshop demonstrated the immense value of this topic for the socialization of young girls, contributing to the deconstruction of the psychological stress caused by the media pressure on women.*

***Keywords:** Eating disorders. Adolescents. Thematic workshop. Media. Aesthetical patterns.*

Introdução

Os meios de comunicação digitais baseados em tecnologias contemporâneas, especialmente no século XXI, estabeleceram novos meios de circulação de ideias e pensamentos. A mídia e as redes sociais tornaram a disseminação de padrões estéticos e convenções sociais mais rápida e massiva. Esses padrões são muitas vezes inalcançáveis para a maioria das pessoas, gerando frustrações de diversas ordens, e opressão, principalmente voltada ao público feminino, em especial às jovens adolescentes.

Para compreender esses padrões estéticos e sua opressão no público adolescente feminino é preciso entender o surgimento e desenvolvimento do conceito estético de beleza corporal. Schubert (2009) afirma que a constante procura pelo “belo” no corpo feminino começou há muito tempo e a definição foi sendo alterada gradativamente até chegar nos moldes atuais. Um dos aspectos que influenciaram essa caracterização do “belo” foram os fatores econômicos de uma sociedade, uma vez que sempre existiu uma relação entre as formas ideais

de corpo feminino e a oferta de alimentos. É possível perceber que, antigamente, nas sociedades nas quais as pessoas não tinham fácil acesso aos alimentos, o padrão ideal de corpo feminino era o robusto, que significava poder e opulência, em contraposição ao padrão atual, no qual, apesar da grande fartura de alimentos na sociedade contemporânea, o corpo magro predomina, e tem como significado subjacente a autodisciplina e o sucesso (HERCOVICI; BAY, 1997).

Outro importante aspecto que influencia as alterações existentes nos padrões femininos de corpo é a questão de gênero, pois mesmo quando uma mulher consegue atingir um papel importante enquanto agente social através de seus atributos estéticos (por exemplo, as modelos), ainda assim estão presentes as relações hierárquicas que a submetem à figura masculina, mantendo, portanto, a mulher como um ser oprimido (LIPOVETSKY; SERROY, 2015). A imposição da magreza, nesse contexto, pode ser também entendida pelo prisma da infantilização da mulher, uma vez que o corpo magro remete ao corpo infantil, sugerindo uma vulnerabilidade e passividade para controle. Desta forma, facilita-se o seu enfraquecimento, impulsionando a dominação masculina (MOTA, 2015).

Em meados da década de 60, começou-se a difundir no Brasil uma imagem midiática inspirada em modelos e manequins que vestiam tamanhos cada vez menores (OLIVEIRA; HUTZ, 2010). Concomitante a isso, as mídias estadunidenses começaram a alastrar o padrão estético da mulher magra e estereotipada como frágil. Desta forma, no início do século XXI cresceu a busca obsessiva pelo corpo ligado à magreza, à perfeição, ao autocontrole e à atratividade sexual, da mesma forma que cresceu e foi difundida a gordofobia - o preconceito contra o excesso de peso e obesidade (CARRETEIRO, 2005).

Com esse crescente preconceito contra pessoas gordas e concomitante reafirmação do corpo magro como atraente, o corpo robusto deixou de ser uma referência de beleza na sociedade, e ficou consolidado como “belo” o padrão do corpo magro, à espelho das modelos de passarela. Sudo e Luz (2007) relatam que a moda atual está totalmente focada no corpo magro, e isso é evidente ao se observar nas revistas a quantidade de matérias envolvendo palavras como “dieta”, ou frases comuns do tipo “como conseguir manter o corpo em forma”, além de argumentarem excessivamente os benefícios de se ter o corpo magro, o que acaba sendo travestido de algo “saudável”, pois existem pessoas fora do padrão completamente saudáveis (GODOI, 2011).

Dessa forma, a sociedade atual, quando valoriza essa magreza excessiva, ajuda a converter a presença de gordura corporal em uma personificação de falha moral, em que a

pessoa gorda não só apresenta um peso corporal socialmente imposto como errado, mas também começa a carregar consigo um carácter insultuoso (VASCONCELOS, 2004).

A filósofa e escritora Márcia Tiburi (2002) afirma que esse padrão de beleza atual assemelha o corpo feminino ao masculino, pois o deixa sem curvas, sem gordura, elimina seus “excessos” junto com sua feminilidade transformando a mulher em um objeto da indústria, para além de um objeto de cobiça do homem. Fernandes (2003) ironiza a situação afirmando “[...] o corpo está em alta! Alta cotação, alta produção, alto investimento... Alta frustração!”, e isso ocorre porque a beleza, nos dias de hoje, é fortemente associada com o sucesso, felicidade e bem estar, pois a aparência física é colocada como responsabilidade e consequência própria de cada um (MOTA, 2015).

Essa relação de “responsabilidade e consequência” atinge em cheio as meninas adolescentes, pois esta é a fase em que estão mais suscetíveis aos dogmas sociais, uma vez que nesta época da vida ocorre parte da construção da personalidade, e o adolescente está se encontrando como pessoa na sociedade. Segundo Becker (2017), todos esses dogmas são instituídos para incentivar o conformismo, estimulando as adolescentes a acreditarem, dessa forma, que os padrões até então estabelecidos nunca poderão ser mudados.

A adoração pelo corpo extremamente magro tomou espaço e *viralizou* no ambiente virtual. Isso desencadeou consequências no âmbito da saúde, pois, de acordo com Andari (2015), pessoas inseguras devido à pressão imposta pelos modelos estéticos são mais suscetíveis a desenvolverem transtornos alimentares quando têm acesso livre a esses grupos em redes sociais. A enorme pressão pela busca do corpo padrão, apoiada pelas redes sociais, leva as adolescentes, então, a um sentimento de culpa por não conseguirem se encaixar nesse ideal, o que resulta em números cada vez maiores de meninas se submetendo a dietas para a perda de peso, ao excesso de exercícios físicos e ao uso descontrolado de laxantes diuréticos e anormirineronéticos (TAVARES; TEIXEIRA NETO, 2003; SAIKALI *et al.*, 2004).

Esse comportamento excessivo é o que se caracteriza como transtorno alimentar, também conhecido por TA, sendo anorexia e bulimia nervosa os mais ligados à magreza. Devido a essa ameaça à saúde física e psicológica das meninas adolescentes, é fundamental que sejam criados espaços de discussão e reflexão sobre esse tema que as oprime, de forma a diminuir os efeitos dessa opressão.

Nesse contexto, cabe destacar o papel das escolas como abrigo para essas discussões, pois, é nesse ambiente que adolescentes vivenciam uma socialização mais intensa. Existem

vários métodos usados para se trabalhar assuntos complexos concomitantemente e promover reflexão. Um desses métodos é a oficina temática, que pode ser realizada nos mais diversos campos sociais e profissionais.

A oficina temática é uma forma de experienciar determinadas situações tendo como base o tripé: *sentir-pensar-agir*. É possível, então, construir conhecimentos e aplicar diversas ações seguindo uma linha teórica de base. Desta forma, as participantes podem construir seus pensamentos teóricos de modo ativo e reflexivo (PAVIANI, 2009). Vieira e Volquind (2002) descrevem essas práticas como um tempo e espaço para adquirir conhecimento, um processo capaz de transformar o sujeito e o objeto, um caminho com possibilidades de aproximar os participantes do objeto a conhecer.

Tendo em vista a relação entre as jovens adolescentes e o desenvolvimento de transtornos alimentares a partir de pressões sociais estéticas, e, ainda, a importância de se trabalhar com oficinas temáticas, uma oficina foi desenvolvida com o intuito de promover um debate reflexivo sobre essas questões para as jovens adolescentes estudantes do Instituto Federal do Paraná (IFPR), Campus Paranavaí, visando trabalhar a conscientização e contribuir para uma libertação dos efeitos psicológicos negativos dessas práticas sociais.

Metodologia

Foi realizada uma oficina temática intitulada "Prisioneiras das Medidas", voltada para o público feminino do ensino médio dos cursos técnicos em Informática, Agroindústria e Mecatrônica do IFPR - *Campus* Paranavaí, com a oferta de 40 vagas. A oficina foi idealizada e organizada por uma aluna do 4º ano do curso técnico de Informática integrado ao Ensino Médio, e orientada e acompanhada por sua professora de Biologia e orientadora de seu Trabalho de Conclusão de Curso, ambas são autoras deste trabalho.

O evento foi realizado no dia 8 de abril de 2019, no período da manhã, presencialmente, de 8 às 12 horas, como uma das atividades pertencentes ao II SIPEN - Seminário de Integração das Pesquisas do Núcleo Base - Crise e Ecologia: Desafios Contemporâneos e V Semana do Meio Ambiente do IFPR - *Campus* Paranavaí (<https://www.even3.com.br/sipensma/>). As inscrições foram feitas pelo *site* do evento. A participação foi limitada ao público feminino por se tratar de uma questão que oprime o gênero de forma especial e, dessa forma, dar maior

liberdade de fala e partilha entre as participantes, que poderiam, então, sentirem-se mais livres de julgamentos, ou seja, criar um ambiente de acolhimento.

A oficina foi dividida em quatro principais momentos: exposição teórica e aspectos científicos sobre o tema, exposição e discussão de vídeos, músicas, poemas e redes sociais, aplicação de questionário sobre percepção corporal e debate sobre o resultado, e roda de conversa para troca de experiências.

A primeira etapa foi uma apresentação de *data-show*, na qual foram abordados os seguintes temas:

- revisão histórica do conceito de *belo*;
- gordofobia;
- o que são transtornos alimentares? Definições de TA;
- fatores de risco;
- Bulimia Nervosa, sintomas e consequências;
- Anorexia Nervosa, transtorno de imagem, sintomas e consequências.

Na segunda etapa, alguns vídeos, imagens e *posts* de redes sociais foram trabalhados, tais como:

- imagens do filme *O Mínimo para Viver* e imagens de meninas consideradas inspirações magras;
- por que é tão importante entender o padrão estético magro?
- *Twitter* (imagens das *tags* usadas pelas adolescentes);
- poema *Uma Garota Chamada Ana*;
- músicas relacionadas com o tema (sugeridas pelas participantes);
- perfis de influenciadoras digitais do *Instagram*.

Na terceira etapa as participantes foram convidadas a responder um questionário validado (COOPER *et al.*, 1987) amplamente utilizado em estudos sobre percepção corporal, composto por 34 perguntas, nas quais as participantes deveriam assinalar um X em números de 1 a 6 de acordo com a intensidade da resposta, sendo 1 para nunca e 6 para sempre. Os valores obtidos foram interpretados da seguinte maneira: se a pontuação no questionário for abaixo de 80, a aluna está livre de insatisfação corporal; se a pontuação estiver entre 80 e 110 pontos, a aluna apresenta uma leve insatisfação corporal; se a pontuação estiver entre 110 e 140 pontos, a aluna apresenta uma moderada insatisfação corporal e, por último, se a pontuação for acima

de 140 pontos, a aluna apresenta um grau alto de insatisfação. As respostas desses questionários eram anônimas, além do fato de não ser uma atividade obrigatória na oficina, sendo livre a escolha de participar. Na etapa final da oficina foi aberto um espaço para conversas e relatos pessoais entre as ministrantes da oficina e as participantes.

Resultados e discussão

A oficina temática contou com a presença de 39 das 40 alunas inscritas. Ao longo de toda a apresentação da fundamentação teórica, verificou-se uma alta interação de comentários e expressões que demonstraram identificação por parte das jovens com os vídeos, fotos expostas e abordagens (Figura 1). Especialmente, na etapa na qual vídeos, músicas e redes sociais foram debatidos, as próprias participantes trouxeram sugestões e enriqueceram a oficina com seus comentários.

Figura 1 – Alguns slides apresentados durante a oficina

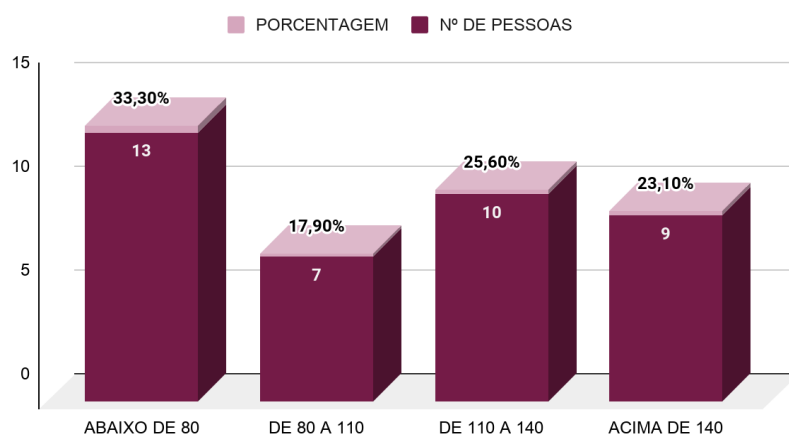


Fonte: Slides elaborados pelos autores. Da esquerda para a direita, em sentido horário, observa-se: reportagem sobre jornalista demitida da emissora Globo por não conseguir emagrecer (*site* *Catraca Livre*, 2019, disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/jornalista-e-demitida-por-nao-ter-conseguido-emagrecer-e-desabafa/>); *Prints* anônimos da rede social *Twitter*, recuperados de *hashtags* usadas para emagrecimento; Postagem da influenciadora digital de autoaceitação corporal na rede social *Instagram* (@alexandrismos) e, por último, cena do filme “O mínimo para viver”, de Marti Noxon, 2017.

A aplicação do questionário também foi de grande importância, pois trata-se de um instrumento de coleta de dados de maneira individual, não invasiva, não identificada e que permite que as jovens possam expressar livremente seus posicionamentos, pensamentos e sensações. Embora a participação na atividade do questionário fosse facultativa, todas as participantes (39) se voluntariaram ao preenchimento anônimo.

Os resultados (Figura 2) foram discutidos após um intervalo, durante o qual as ministrantes computaram os resultados. Foi possível verificar, através da aplicação do questionário (Figura 2), que 67% - soma das categorias de 80 a 110, de 110 a 140 e acima de 140 - das jovens presentes na oficina temática apresentaram, em geral, uma percepção negativa envolvendo o próprio corpo, considerando a interpretação da metodologia do questionário demonstrada anteriormente.

Figura 2 – Resultados gerais e percentuais do questionário de percepção corporal



Fonte: Elaborado pelos autores.

Essa insatisfação da maioria das participantes demonstrou a necessidade de abrir o espaço para uma conversa, o que foi realizado no momento final do evento. Foi realizada uma roda de conversa para discussões e relatos pessoais, um local aberto a qualquer participante que quisesse usar a fala. Quatro participantes compartilharam suas experiências pessoais no assunto durante a atividade da roda, tomando o protagonismo para si.

Uma das participantes relatou que sempre foi muito magra e que quando começou a engordar, ainda que pouco, passou a sentir-se extremamente mal consigo mesma. Se olhava no espelho e se sentia gorda, permanecia o dia todo no colégio sem comer alimento algum tentando

emagrecer, e já chegou a desmaiar por isso. Quando compartilhava seus pensamentos com os colegas de ônibus escolar, eles riam e costumavam falar: “Gorda? Gorda onde?”

A participante em questão apresenta um corpo dentro do padrão social entendido como “magro”, mas não consegue se enxergar dessa forma, o que poderia demonstrar um possível distúrbio da sua autoimagem.

Outra participante relatou que na sua infância foi uma criança, em suas palavras, “gordinha”, e que era muito feliz consigo mesma desta forma. Todavia, ao completar seus 12 anos, sua família colocou-a em uma dieta de emagrecimento, alegando que ela deveria começar a “se cuidar”, o que significava, na prática, emagrecer. A participante relatou que perdeu muito peso, e com isso, notou que todos começaram a elogiá-la. Ela conta que concluiu, por associação, que deveria sempre manter-se magra, e com esses pensamentos resolveu tentar manter o peso por meio de práticas bulímicas, como o vômito autoinduzido. Trata-se de um caso que chegou a evoluir para transtorno alimentar.

Uma das participantes relatou que não gosta que falem sobre o seu corpo, não gosta de brincadeiras envolvendo a aparência das pessoas e que já ficou por duas semanas com pensamentos negativos de raiva a respeito de outra colega que a chamou de gorda, uma situação ocorrida no passado. Essa participante relatou uma sensação de deslocamento em suas vivências sociais.

A última participante a usar a fala relatou que, mesmo sendo extremamente magra (suas palavras), não gosta de se olhar no espelho, pois se sente insegura com sua aparência. Por este motivo pratica algumas atitudes bulímicas. Contou ainda que faz brincadeiras com a aparência da irmã, que é gorda, chamando-a de adjetivos com cunho negativo. Tal atitude mostra uma reprodução do discurso dominante, especialmente a relação com os adjetivos que ela usa, pois faz uso de uma palavra com conotação negativa associada à condição de “gorda”, que ainda é reforçado como insulto.

As duas ministrantes também contribuíram com seus relatos. É importante ressaltar que a oficina temática foi pensada e idealizada por uma, então, aluna de ensino médio, e que teve sua vontade de criar esse espaço de acolhimento a partir da própria experiência (autora deste trabalho). A própria ministrante iniciou a roda de conversa contando sua história com o tema para que, dessa forma, as participantes se sentissem confortáveis para falar também, possibilitando um sentimento de identificação. A outra ministrante, que supervisionou a oficina e orientou o trabalho, fez o seu relato após o término dos relatos das participantes. Ambas

relataram suas experiências com a percepção corporal, a pressão gerada por suas relações interpessoais durante a infância e adolescência, os problemas com o peso e transtornos alimentares, a baixa autoestima, entre outras abordagens e experiências pessoais. Essa partilha propiciou que o ambiente fosse ainda mais acolhedor para as jovens adolescentes.

A intensa interação das participantes ao longo do evento, bem como a iniciativa de partilha das experiências pessoais na atividade final, evidencia a importância da oficina temática sobre pressões estéticas e transtornos alimentares e seu papel de apoio para as meninas, sendo um espaço para discussão de um tema que é pouco abordado nas escolas. O resultado da realização dessa oficina temática mostra a importância dessas práticas para uma melhora física e psicológica nas adolescentes. Destaca-se aqui a relevância das oficinas temáticas para o público jovem, especialmente no âmbito escolar, mediando o conhecimento a partir de um ponto de vista transdisciplinar e integrador. O ambiente criado durante a oficina proporcionou a amenização das ansiedades, esclarecimento sobre os temas abordados, desenvolvimento de autopercepção, espaço para o diálogo de experiências e interação com outras jovens que compartilham das mesmas angústias, o que traz interação social para as participantes, que, no cotidiano, talvez não tenham tanto contato. Os novos saberes, novas relações e interações com outras jovens estimulam o sentimento de empatia, e podem resultar em importantes redes de apoio.

Considerações finais

Após as discussões realizadas na oficina, percebeu-se que as insatisfações com o próprio corpo e imagem se dão, em grande parte, pelas pressões impostas na sociedade, pressões essas que foram discutidas ao longo de toda a oficina e que foram também relatadas pelas participantes ao longo da prática. Verificou-se, portanto, a necessidade urgente de abordar esse tema tão pouco trabalhado nas escolas e demais ambientes de intenso convívio social de adolescentes e trazê-lo na forma de discussão para que meninas possam falar sobre o assunto, externar seus sentimentos e, assim, compartilhar suas angústias e traumas, sentindo-se acolhidas e amparadas, nesse caso, no ambiente escolar.

Fica evidente, também, a importância da oferta de oficinas temáticas nos espaços escolares como uma ferramenta ativa para o diálogo em temáticas pouco trabalhadas, por promover espaços segmentados com um maior e mais eficiente nível de acolhimento e

identificação. Promover a desobstrução em meninas para essas discussões tão importantes é uma prática essencial no contexto do convívio social escolar, pois os debates estão intrinsecamente ligados ao seu dia a dia em sociedade. Esse diálogo pode promover uma melhora na vida psicológica, física e social das meninas.

Desse modo, com a mente mais aberta, providas de conhecimento e preparadas para uma visão crítica, as adolescentes podem ter mais consciência da origem das pressões que sentem da sociedade para atender ao padrão corporal inalcançável e inventado pela mídia, e poderão construir um novo modo de pensar e agir frente às situações cotidianas. Os benefícios dessa prática não se limitam ao bem estar físico e mental das jovens como indivíduos, mas também irradia para a saúde pública e sociedade como um todo.

Referências

BECKER, D. **O que é adolescência**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

CARRETEIRO, T. C. Corpo e contemporaneidade/*Body and contemporaneity*. **Psicologia em Revista**, v. 11, n. 17, p. 62-76, 2005.

COOPER, P. J.; PHIL, D.; MELANIE, T. J. *et al.* The development and validation of the body shape questionnaire. **International Journal of Eating Disorders**, v. 6, p. 485-494, 1987.

TAVARES, V. da C.; TEIXEIRA NETO, F. Transtornos Alimentares. *In*: VANNUCCHI H.; MARCHINI J. S. **Nutrição clínica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.

MOTA, M. D. de B. De Vênus a Kate Moss: reflexões sobre corpo, beleza e relações de gênero. **Actas de Diseño**, Buenos Aires, v. 5, n. 3, p.100-104, 2008.

GODOI, M. R. Corpos femininos volumosos e estética: discursos contra-hegemônicos sobre beleza em *blogs* na internet. **Movimento**, v. 17, n. 3, p. 153-173, 2011.

HERCOVICI, C.; BAY, L. **Anorexia e bulimia: ameaças à autonomia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

JUNIOR, W. E. F.; OLIVEIRA, A. C. G. Oficinas pedagógicas: Uma proposta para a reflexão e a formação de professores. **Química Nova na Escola**, v. 37, n. 2, p. 125-133, 2015.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

OLIVEIRA, L. L.; HUTZ, C. S. Transtornos alimentares: o papel dos aspectos culturais no mundo contemporâneo. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 3, p. 575-582, 2010.

PAVIANI, N. M. S. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura: Filosofia e Educação**, v. 14, n. 2, p. 77-88, 2009.

SAIKALI, C. J.; SOUBHIA, C. S.; SCALFARO, B. M.; CORDÁS, T. A. Imagem corporal nos transtornos alimentares. **Archives of Clinical Psychiatry**, v. 31, n. 4, p. 164-166, 2004.

SUDO, N.; LUZ, M.T. O gordo em pauta: representações do ser gordo em revistas semanais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, p. 1033-1040, 2007.

TIBURI, M. Toda beleza é difícil. Esboço de crítica sobre as relações entre metafísica, estética e mulheres na filosofia. *In*: TIBURI, M.; MENEZES, M. de; EGGERT, E. (org.). **As mulheres e a filosofia**. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2002. p. 23-46.

VASCONCELOS, N. A. de; SUDO, I.; SUDO, N. Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, v. 4, n. 1, p. 65-93, 2004.

VIEIRA, E.; VOLQUIND, L. **Oficinas de ensino: O que? Por quê? Como?** 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

Recebido: 10.05.21

Aceito: 19.06.2021